

NÃO HÁ *RAPPORT*, RAZÃO, RELAÇÃO SEXUAL

Ana Lúcia Bastos Falcão¹

Desde o início, em seus seminários, Lacan foi bordejando alguns conceitos que deram contorno à afirmação - Não há *rapport*, razão, relação sexual.

No seminário de 1956-57, *A Relação de Objeto e as estruturas freudianas* já aludia à triangulação Edípica como sendo uma composição da relação mãe-criança-pai com o vértice de um dos triângulos apontando para o falo. Acentuava que não se tratava de uma relação ternária, mas quaternária na qual a primazia era do falo como objeto imaginário.

No texto *A significação do falo* (*Escritos*, 1958) e *Diretrizes para um Congresso* (*Escritos*, 1960) sobre a sexualidade feminina, Lacan esclarece o que é comum e o que diferencia as posições masculina e feminina. É justamente nesse sentido que insiste na concepção freudiana acerca da fase fálica como comum aos dois sexos. Por intermédio de sua clínica constatou que a relação do desejo ao falo é estabelecida, desconsiderando a diferença anatômica entre os sexos. Freud já se referia ao falo como atributo universal quando descrevia a fase fálica na qual as diferenças entre os sexos eram "completamente eclipsadas pelas suas semelhanças... a menininha é um homenzinho" (FREUD, S.,118b). Em 1923, no artigo *A Organização genital infantil*, ressaltava a primazia do falo em detrimento da primazia dos órgãos genitais. No complexo de Édipo, o menino, ao olhar a região genital da menina, sente-se ameaçado, "não vê nada ou rejeita o que viu" (FREUD, S., 281d), procurando encobrir sua percepção. *A posteriori*, a ameaça do pai adquire realidade a partir dessa visão anterior que o atormenta. Freud diz que a relação do menino com a visão da castração da menina marcará para sempre sua relação com as mulheres. O menino desiste das investidas no pênis por seu interesse narcísico: momento de saída, recalçamento "feito em pedaços pelo choque da castração" (FREUD, S., -285d). Em 1931, no artigo *Feminilidade*, expressa que, na fase fálica, só existe a masculinidade: a feminilidade não existe. A

¹ Membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil/PE. E-mail: albfpsic@gmail.com.

antítese estaria entre "possuir um órgão genital masculino e ser castrado" (FREUD, S.,-161a). Na puberdade, surgiria a polaridade masculino/feminino na qual a masculinidade combinaria "os fatores de sujeito, atividade e posse do pênis" (FREUD, S.,-161a), enquanto a feminilidade, as de objeto e passividade. A menina em oposição ao menino, entraria no complexo de Édipo pela castração. Posteriormente uma "nova onda de recalque" afetaria a sexualidade do clitóris, ...parcela da sexualidade masculina" (FREUD, S.,-208/9e). O recalque do clitóris/falo faz da vagina o órgão primordial, processo de transição do qual "nada existe de análogo no homem" (FREUD, S.,- 236f) Nessa passagem, a menina desloca seu desejo em torno da equação pênis-criança. Freud sempre chamou a atenção para a região obscura e enigmática, que era, para ele, a questão do feminino: um continente negro.

Lacan sublinha a primazia do falo como significante primordial para a estruturação do sujeito: é em torno dele que gira todo o complexo de castração. No entanto, a castração que importa não é a do sujeito (criança), mas a do Outro materno; é a partir dela que ele constrói todo o complexo. É o efeito da percepção da mãe como castrada, não fálica, que repercute no sujeito, desencadeando sua posição em relação à castração e à assunção de seu sexo. A castração do Outro efetiva a castração do sujeito. No texto De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose, Lacan esclarece que o nome do pai faz passar, para debaixo da barra do recalque, o desejo materno, desejo do falo, tendo como efeito a significação fálica, instituindo o sujeito, "não mais em posição de mero objeto do desejo para a mãe - Desejo Materno" (D'Agostino, L.), mas como sujeito dividido. No *Seminário O Avesso da Psicanálise*, em 1969/70, Lacan recorreu à metáfora de um crocodilo com uma pedra na boca como sendo a representação do desejo materno. O falo recalcado seria essa pedra, esse rolo que impede que o crocodilo feche a boca, embora nunca se saiba...de repente ele poderá fechar essa "bocona", esmagando o sujeito.

Não há *rapport*, razão, relação sexual. A relação sexual não existe, a razão é o falo, ou, segundo alguns autores que se referem à existência na língua francesa das duas palavras, *rapport* e relação, "as relações existem, senão nós não existiríamos". A noção de *rapport* é que estaria relacionada a "diferença dos sexos, que se fundamenta na linguagem, sobre a relação ao ser e ao ter que desenha, para o homem e a mulher não uma complementaridade, mas um vetor comum" (Szpirko, J. 1997). No texto O Aturdido (1972) Lacan já havia se referido ao "não há *rapport* sexual" como não implicando que não existisse relação ao sexo. "É bem isto o que demonstra a castração,

mas não mais: a saber que essa relação ao sexo não seja distinta em cada metade, pelo próprio fato de que ela os reparta” (LACAN, J.,-11f;20-21g). Em 1972, explicita a impossibilidade da existência da relação sexual atribuída à impossibilidade da inscrição da relação entre dois corpos de sexo diferente.

É para o significante recalcado - o falo - que converge toda a questão do não há *rapport*, razão, relação sexual. O sujeito assume sua posição sempre em referência ao falo, "ela é sem tê-lo", "ele não é sem tê-lo” (LACAN, J.). Em 1970, Lacan anuncia que a identificação sexual não está em uma pessoa se acreditar homem ou mulher e, no ano seguinte, elabora as fórmulas da sexuação. Desde que é o falo que está recalcado, ele é obstáculo ao *rapport*. O *rapport* propriamente dito é do desejo ao falo e não de um parceiro ao outro. O falo é a "ratio", a medida; é em relação a ele que se posicionam os dois sexos. O impossível do *rapport* sexual que não cessa de não se escrever diz respeito, então, ao não recalque do *rapport* sexual, desencontro, monólogo, efeito da diferença entre os sexos.

Em 1972, no *Seminário Mais, Ainda*, continua a reafirmar seu postulado anterior: a primazia do falocentrismo. Tentando responder às críticas feministas que reivindicavam "Direitos iguais", acusando a psicanálise de machista, acrescentava o conceito de gozo suplementar, gozo propriamente feminino, e a afirmação de que A mulher não existe a não ser que o artigo A seja barrado. Lacan traz algumas proposições acerca da "realidade" de cada sexo, construindo as fórmulas de sexuação em torno do termo universal. Na proposição masculina, todos os homens são submetidos à função fálica, formando um conjunto. A regra, a exceção a confirma: há um limite à função fálica, à castração. É ao menos Um, o pai Real não castrado, pai mítico, dono de todas as mulheres, o único detentor do falo que institui a exceção, fazendo com que todos se confortem em se submeterem à castração. A função fálica faz com que o sujeito, através da castração, tenha acesso ao falo simbólico.

Na versão feminina, "as mulheres são *não-todas*", não totalmente, "submetidas à função fálica” (LACAN, J.,-h). O universal não poderia partir da função fálica da generalização falocêntrica. A mulher está dividida por um gozo dual, gozo fálico e gozo outro, não-fálico, gozo suplementar, para além do Falo. A mulher se fende, não é toda situada na função fálica. Tem, por um lado, um gozo fálico e, por outro, um gozo a mais nomeado gozo para além do Falo. Lacan se refere ao gozo para além do Falo, dizendo que talvez a mulher nem saiba nada dele a não ser que o experimente, momento a partir do qual ela tem esse saber. A razão, o *rapport* na mulher, não é só ao falo, ela é *não-*

toda, não-toda tomada pelo gozo fálico. Há um gozo outro, propriamente feminino, do qual é impossível falar e que é sua radical diferença. Não há significante que represente esse gozo suplementar porque é da ausência do significante fálico que a mulher goza: não há inscrição possível da mulher. Só há recalque do falo não havendo possibilidade de se "dizer" desse gozo a mais. É nesse aspecto que a mulher não existe. Na versão feminina do universal, não há exceção, não há uma mulher toda. As mulheres não formam um conjunto, são contadas uma a uma porque não há exceção. Não existe A mulher; ela "é um sonho do homem" (LACAN, J.). A mulher toda, plena, não existe a não ser que pensássemos na mãe do psicótico tentando fazer com o filho, completamente assujeitado no lugar do falo, esse todo. Em nossas discussões, nos intrigou uma frase de Lacan " a mulher só entra em função na relação sexual enquanto mãe" (LACAN, J.,-49h). Os efeitos dessa frase nos recordam outra afirmação: a mãe abafa a mulher (Laberge,J-c). Se a mulher é barrada, dividida entre um gozo fálico e um gozo suplementar, como poderíamos pensar em uma correspondência mulher-mãe? Isso acarretaria que, sendo como mãe que a mulher entra na relação, no *rappor*t, o filho, como objeto a, estaria funcionando como tampão, rolha no lugar da falta, contrapondo-se à posição da mulher, que goza com a falta do significante.

Enfim, retornando ao não há *rappor*t, razão, relação sexual, concluiríamos: há impossibilidade de emparelhar o todo e o não-todo, não há uma relação comum ao gozo. Esbarramos novamente na "relação de cada sexo com a função fálica colocando-se como obstáculo à relação com o outro sexo" (Millot, C.). "O gozo fálico é o obstáculo pelo qual o homem não chega a gozar do corpo da mulher" (Jacques,Lacan-15h), porque, mais especificamente, "isso de que ele goza é o gozo do órgão" enquanto do lado feminino há o gozo fálico e o gozo Outro sem correspondência.

Não há *rappor*t sexual na neurose, na psicose...

Lacan refere que a linguagem deve ser tomada como funcionando em suplência pela ausência da única fonte do real que não pode vir a se formar em ser, a relação sexual. Segundo Benjamin Domb, é a linguagem que se interpõe, separando o corpo da criança do corpo da mãe, barreira que interdita o *rappor*t sexual. No *Seminário Momento de Concluir*, em 11 de abril de 1978, Lacan enuncia que "não há relação sexual", mas abre um parêntese: "salvo para as gerações vizinhas, a saber os parentes por um lado e os filhos pelo outro. É no que se detém - falo da relação sexual - e no que

se detém a interdição do incesto"...Em outro momento, reporta-se a triplicidade que funda o fato da sucessão das gerações, dizendo que "Há três, três gerações, entre as quais há relação sexual". No *Seminário O Sinthoma*, utiliza Joyce para falar do *sinthoma*; a obra de Joyce seria tomada como um território através do qual ele pode estabilizar sua estrutura. O próprio Joyce teria dito que sabia, iria ocupar os universitários por muitos e muitos anos estudando sua obra. A produção de Joyce foi de muita importância para sua estrutura; enfim, foi na literatura que ele pôde utilizar a linguagem de maneira muito particular. Deixando de lado a questão da estrutura de Joyce, Lacan, reportando-se à relação de Joyce com Nora, afirma que, embora ele diga que a relação sexual não exista, ele tinha com ela uma "relação sexual estranha" (LACAN, J.,-61i-10/2/76). A partir dessas leituras, permaneceu como ponto controverso se, na psicose, poderíamos dizer que há *rapport* sexual. Sabemos que - não há *rapport* sexual - diz respeito à existência do recalque do falo que obstaculiza o *rapport*, no entanto, tratando-se da psicose, poderíamos dizer que há *rapport* sexual? Não havendo recalque do falo, haveria *rapport* do grande Outro materno com o filho, mesmo que esmagado? Tratando-se da psicose, a permanência do "sujeito" no lugar do falo do Outro, atrelamento e aprisionamento que faz dele "pedaço", "complemento", "acessório" para o desejo materno. A falta de inserção do psicótico como *falasser*, que, embora esteja na linguagem, não se apropria dela. Neste aspecto, poderíamos falar que há *rapport* sexual? Esta questão ficou como enigma para nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHEMAMA, Roland. Dicionário de Psicanálise, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995
D'AGOSTINO, Laura - Presentación de Pacientes psicóticos: un instrumento para la clinica - in mimeo.

DOMB, Benjamin - *Más Allá del Falo*. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1996.

FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987.

a - A Organização Genital Infantil (vol. 19).

b - Conferência 33 - Feminilidade (vol. 22).

c - A dissolução do Complexo de Édipo (vol. 19).

d - Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica (vol. 19).

- e - Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (vol. 7).
- f - Sexualidade Feminina (vol.21) .

LABERGE, Jacques:

- a - Do Real, paradoxos e contradições in Reunião Lacanoamericana de Psicanálise da Bahia, Salvador: ELBA, 1999.
- b - Do mais Ainda da Escrita . Recife: Jornada do Traço Freudiano, in *mimeo*, 26-6-99.
- c - A respeito do texto de Lacan de 1960, Algumas observações. in *mimeo*.

LACAN, Jacques. *Escritos*, Rio de Janeiro: Zahar Ed.1998

- a - Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina, 1960
- b - A Significação do falo, 1958.
- c - De uma questão preliminar a o tratamento possível da psicose, dez 1957-1958.

Seminários:

- d - *Seminário Relação de Objeto e as Estruturas Freudianas 1946-57*. Tradução a partir do texto estabelecido por um cartel da Association Freudienne Internationale. Porto Alegre: publicação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.
- e - *O Seminário livro 17 O Averso da Psicanálise 1969-70*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1996.
- f - O Aturdido. Recife: publicação para circulação interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife - in *mimeo*.
- g - L'Étourdit(14/7/72). Revue Scilicet 4. Paris: Seuil, 1973 .
- h - *O Seminário livro 20 Mais, Ainda 1972-73*. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1982.
- i - *O Sinthoma 1974-76*. tradução de Paulo Medeiros a partir do texto estabelecido pela Association Freudienne Internationale. Recife: publicação interna do Traço Freudiano Veredas Lacanianas, in *mimeo*.
- j - *Momento de Concluir 1977-78*. in *mimeo* .

MILLOT, Catherine. *Nobodaddy a histeria no século* Rio de Janeiro: Zahar, 1989
ROUDINESCO, Elisabeth. *História da Psicanálise na França*, Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1988.

_____. *Jacques Lacan: esboço de um sistema de pensamento*, São Paulo: Cia das Letras,1994

SZPIRKO, Jean. Sobre as Fobias in Cadernos do Traço Freudiano Veredas Lacanianas n.13-Recife: publicação do Traço Freudiano Veredas Lacanianas, agosto de 1997.